

**INTELECTUAIS E CIRCULAÇÃO DE IDEIAS NO BRASIL E NA
ARGENTINA: O PENSAMENTO HISTÓRICO DE BARTOLOMÉ MITRE E
SUAS APROPRIAÇÕES NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**

Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

anapaulabarcelos@gmail.com

No início do século XX, historiadores brasileiros e argentinos, relacionados, principalmente, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Junta de História e Numismática Americana apropriaram-se das ideias e discursos de Bartolomé Mitre (1821-1906) na justificativa de projetos integracionistas que tinham como foco a escrita de uma história oficial de caráter americanista. Estes projetos envolviam ainda os Ministérios das Relações Exteriores de ambos os países. Na tentativa de compreender este processo, procuramos neste trabalho analisar as ideias históricas de Mitre, com ênfase em sua defesa do americanismo e do papel da história em sua construção e na formação das nações após as independências. Além disso, pensamos as relações do militar, presidente e historiador argentino com o Império brasileiro nas décadas de 1870 e 1880, após a Guerra do Paraguai, a fim de identificar seu olhar sobre o Brasil e suas relações com importantes figuras da monarquia brasileira, como o Visconde do Rio Branco. Mitre defendia a aproximação e o apaziguamento das relações diplomáticas com o Brasil em um contexto de disputas territoriais e apresentava visão distinta de muitos intelectuais argentinos em sua época, entre eles Sarmiento, seu rival político, que condenava a escravidão e a monarquia no país vizinho. Estas ideias permitiram que fosse indicado pelo próprio Sarmiento para a missão diplomática de 1872 no Brasil na qual negociaria o território do Chaco e ratificaria o Tratado de Aliança, assinado no início da guerra.

Compondo uma leitura estrategicamente integrada da América, sobretudo a do Sul, defendemos que estas ideias o levaram a ser utilizado como argumento de autoridade para os projetos integracionistas mencionados. O principal problema da pesquisa, portanto, é compreender no pensamento e na atuação de Mitre o porquê desta influência. Acreditamos que sua circulação pela região do Prata e pelo Brasil tenha contribuído para

a produção de um olhar sobre a América e as relações entre Brasil e Argentina que inspirou uma geração posterior. Para a análise desenvolvida especificamente neste trabalho, utilizamos como fonte o jornal *La Nación*, fundado por Mitre em 1870, correspondências trocadas entre Mitre e Rio Branco e sua obra *Historia de San Martín y de la emancipación sud-americana*, além de textos e falas de historiadores do início do século XX. Assim, relacionamos história e diplomacia e pensamos a região e as leituras do passado aqui desenvolvidas por uma via integrada, fluida e em movimento. Os diálogos e as viagens de Mitre pelo Brasil trazem contribuições para os estudos que partem desta abordagem e, ao mesmo tempo, para a ruptura com uma leitura isolada das Américas.

Para Maria Lígia Prado, no início da República brasileira, se deu uma “tímida aproximação oficial com a América hispânica” (PRADO, 2001, p. 140). Ao mesmo tempo, surgem no Brasil correntes simpáticas à aproximação com os Estados Unidos e, na América Hispânica, à aproximação com as matrizes culturais hispânicas. As distâncias que separavam o Brasil de seus vizinhos não é rompida, como lembra a autora. Por outro lado, acreditamos que em algumas esferas tenha havido uma tentativa organizada de aproximação¹ que se dá, sobretudo, na escrita de uma história de caráter oficial defendida por instituições históricas no Brasil e na Argentina. A política americanista do Barão do Rio Branco (não apenas voltada para os EUA, mas também para os vizinhos da América do Sul), no Itamaraty e no IHGB, deixou heranças que influenciaram amplamente uma geração de historiadores responsáveis pela recuperação do Instituto após os obstáculos enfrentados com a proclamação. A chamada “trindade do Silogeu”, estudada por Lúcia Guimarães (2007), composta por Max Fleiuss, Benjamin Franklin de Ramiz Galvão e Affonso Celso, sob influência direta do Barão, que fora presidente da instituição entre 1908 e 1912 (ano do seu falecimento), investe, entre outras medidas, na relação com diferentes instituições históricas das Américas. Com a Argentina, são organizados Congressos de História da América (o primeiro em 1922 no Rio de Janeiro; o segundo em 1937 em Buenos Aires) e projetos de revisões e traduções de textos históricos (a Revisão dos Textos de Ensino de História e Geografia, a partir de 1933; e as Bibliotecas

¹ Esta aproximação foi tema da tese de doutorado defendida no PPGH-UFF que deu origem ao livro: BARCELOS, Ana Paula. *Diálogos sobre a escrita da história: Brasil e Argentina (1910-1940)*. Brasília: FUNAG, 2011. Destacamos, sobretudo, o capítulo III.

de Autores Brasileiros traduzidos ao Castelhana e de Autores Argentinos traduzidos ao Português, a partir de 1937 e 1938, respectivamente).

A generalidade, a cordialidade, a solidariedade, o idealismo, a americanidade e a veracidade eram os parâmetros que orientavam a Revisão e as Bibliotecas. Em ambos os projetos, seus defensores no Brasil e na Argentina faziam referências às ideias de Mitre. A defesa da aproximação, da amizade e da reciprocidade entre os países estava constantemente presente em suas falas. Só assim, para esta geração que vivia o período entreguerras europeias, seria possível construir um futuro de paz para as novas gerações. Obras de Mitre² foram traduzidas pela Biblioteca de Autores Argentinos traduzidos ao Português. No Congresso de História da América de 1937, Max Fleiuss se referiu a Mitre como defensor de uma união que “se consolide en el presente y se prolongue en el futuro” (1938, p. 157). Ricardo Levene³, um dos principais nomes da Nova Escola Histórica⁴, participou em todas estas ocasiões e também utilizou Mitre como argumento de autoridade na defesa dos seus projetos de caráter americanista que partiam de acordos com o Brasil. Para ele, Mitre teria fundado uma escola de historiadores argentinos que se definia “por su americanismo, la visión de solidaridad de las naciones de este Continente, que se resume en el paralelo genial sobre la grandeza de San Martín y Bolívar” (LEVENE, 1944, p. 88). Levene destaca o espírito político e a busca da verdade e da liberdade na obra de Mitre. Ainda segundo ele, na homenagem a Mitre pelos cinquenta anos de sua morte, já referida, suas ideias representavam um legado para os argentinos e os americanos (LEVENE, 1957, p. 239-253). Na mesma ocasião, José Carlos de Macedo Soares, ex-ministro brasileiro, afirma que a admiração por Mitre no Brasil perduraria até o contexto em que falava. Em suas palavras, “Mitre ha permanecido hasta nuestros días como ejemplo de la inteligencia y de la bravura del pueblo argentino, al que consideramos hermano de nuestro pueblo” (SOARES, 1957, p. 61). Assim, toda a América o admiraria. Soares destaca ainda suas estreitas relações intelectuais com o Brasil.

² As *Arengas* e as *Obras Seletas* foram traduzidas na década de 1930.

³ Levene, muito influenciado pelas ideias de Mitre, foi presidente da Junta de História e Numismática Americana duas vezes (1927-1931; 1934-1938) e responsável por sua transformação em Academia Nacional de História em 1938.

⁴ Movimento historiográfico iniciado a partir da década de 1920 pelo qual a escrita da história foi sendo profissionalizada e institucionalizada na Argentina. Pautava-se na pesquisa documental e tinha fortes características americanistas. Visava ainda ao fortalecimento da nacionalidade. Tinha em Mitre uma das suas principais inspirações.

O historiador argentino Enrique de Gandía, também nesta mesma homenagem, atribui a Mitre o pioneirismo na ideia de unidade histórica da América ao pensar a história argentina relacionada à americana. Segundo ele, Mitre via causas semelhantes na luta pela independência no Norte e no Sul do continente e, com isto, concluiu que a América teria “una unidad en su amor a la Libertad” (GANDÍA, 1957, p. 295). Gandía afirma que, para Mitre, a ruptura com as antigas metrópoles teria se dado em razão dos abusos dos reis e das ideias liberais nas Américas, conjugadas com concepções cristãs tomistas de igualdade e liberdade. Haveria uma força espiritual, alimentada pelo liberalismo, que unificaria os americanos no presente e no futuro. Concepções de liberdade e unidade que acreditamos terem inspirado seu olhar sobre o Império brasileiro – para ele, unificado, homogêneo e democrático – e que o levaram a defender a aproximação entre os países vizinhos. Concepções que eram apropriadas por historiadores, políticos e intelectuais na primeira metade do século XX na defesa de projetos de caráter americanista e integracionista que partiam justamente das relações entre Brasil e Argentina. Estes projetos defendiam um ibero-americanismo no qual se retomaria também as relações cordiais com as antigas metrópoles. Afinal, consolidadas as independências e construídos os Estados Nacionais durante o século XIX, caberia qualificá-los a partir de suas matrizes europeias. Superados os conflitos nos quais se inseria Mitre, cabia conjugar ao seu americanismo um novo olhar sobre Portugal e Espanha.

Robert Darnton (1996) fala das apropriações de autores e leituras no processo de compreensão das experiências vividas e de determinadas realidades sociais. As ideias passam, então, por um processo de adaptação, reconstrução e releitura a partir das demandas e interesses dos leitores. Para Roger Chartier (2004), estas apropriações auxiliam na organização do todo social; são práticas de produção de sentido que legitimam escolhas e estão envoltas pela imposição de autoridade e por conflitos de poder. Assim, entendemos que as ideias históricas e políticas de Mitre, bem como sua relação com o Brasil, se adequam a um novo tempo no qual a aproximação pelas vias diplomática e intelectual era amplamente reivindicada, legitimando projetos integracionistas com foco no presente e no futuro das relações na região. Por isso, recorreremos a elas a fim de compreender as motivações para esse processo de apropriação. Analisamos o pensamento histórico de Mitre de modo a ressaltarmos suas ideias sobre o passado e o presente da

América do Sul, principalmente a região do Prata, bem como sobre o Brasil e suas relações com a Argentina.

Neste texto, entre suas obras históricas, conferiremos destaque, especialmente, ao livro *Historia de San Martín y de la emancipación sud-americana*, publicado em 1887, no qual, a partir de extensa documentação, que inclui correspondências oficiais, documentação diplomática e administrativa, Mitre relaciona a vida de San Martín a “la independencia de una nación y la emancipación de un mundo (...)” (MITRE, 1887, p. 18-19). Para ele, San Martín comporia, em conjunto com Washington e Bolívar, um trio de libertadores republicanos do novo mundo. No livro, o autor trata, de forma integrada, dos casos da Argentina, do Chile, do Peru, da Venezuela, do Equador e da Colômbia. Apresenta uma unidade de ação nas independências com 2 focos revolucionários nos extremos do continente: ao sul e ao norte. San Martín teria seguido de baixo para cima, a partir da Argentina e do Chile, e Bolívar de cima para baixo, a partir da Colômbia. Ambos, então, teriam movimentado forças que se convergiram em um ponto central. Convergência e unidade de ação, interesses e ideias são aspectos que percorrem e amarram sua análise de modo a se pensar as independências, ou as revoluções sul-americanas (segundo o conceito por ele empregado), como um todo integrado. Busca ainda uma genealogia que aponta uma revolução que se operava no homem sul-americano antes do final do século XVIII, tendo a partir de então um sentido e um propósito. Estaria na ordem natural das coisas, sendo uma questão de oportunidade e de forma. Para ele, “la revolución estaba en la atmosfera, estaba en las almas, y era ya no solo un instinto y una gravitación mecánica, sino una pasión y una idea” (MITRE, 1887, p. 77). Fala também das influências da Revolução Francesa e da Americana e dos criollos que estudavam os publicistas franceses aqui ou na França. Os criollos seriam “el nervio social”; “los más enérgicos, los más inteligentes é imaginativos”; “los únicos animados de un sentimiento de patriotismo innato, que desenvuelto se convertiría en elemento de revolución y de organización espontánea, y después un principio de cohesión nacional” (MITRE, 1887, p. 86). A eles seria atribuída a tarefa de “completar la democratización del continente americano” (MITRE, 1887, p. 89). Por sua vontade e obra, a América do Sul teria se tornado “americana, republicana y civilizada” (MITRE, 1887, p. 90).

Essa revolução seria essencialmente republicana, pois a república atuaria como uma lei natural para as Américas. Isso não quer dizer que não tenham havido projetos monarquistas no momento das independências. Segundo Mitre, quando a monarquia aparecia era “una ocurrencia aislada y pasajera” (MITRE, 1887, p. 102). Porém, no capítulo “Tentativas monárquicas em Sul-América”, o autor lembra da tentativa de se coroar um infante espanhol como rei do Rio da Prata em 1814. Mostra também outras estratégias (que chama de manobras) na Argentina para nomear um rei. Mais adiante, já em outro capítulo, diz que San Martín era republicano por princípios, mas não antipático à fundação de uma monarquia e, em 1812, já havia se inclinado a ela, como uma solução não como um ideal. Isso porque considerava muito difícil um regime democrático na região por faltarem elementos sociais e materiais para consolidar uma república consistente. Com a existência de um monarca “era más fácil radicar el orden, fundar la independencia, asegurar la libertad y conquistar por el hecho aliados poderosos, neutralizando el antagonismo con el Brasil” (MITRE, 1887, p. 483). San Martín tratava a questão com reserva, mas Belgrano, ao contrário, fazia propaganda de que a monarquia permitiria que fosse fundado algo durável. Mesmo assim, segundo Mitre, ambos fundaram uma “república democrática” (MITRE, 1887, p. 484) e obrigaram o mundo a reconhecê-la como um direito inquestionável. Com isso, e apontando ainda outras figuras como Pueyrredón, Mitre deixa claro que havia uma generalização de ideias monarquistas no período da independência, mas que o espírito republicano também era intenso.

O caso brasileiro, que particularmente nos interessa, também é estudado. Segundo ele: “El único hecho que parecería indicar que la monarquía era una planta que pudo haberse aclimatado en América, es la fundación del Imperio del Brasil, y es precisamente el que por antítesis prueba lo contrario” (MITRE, 1887, p. 105). Segue desenvolvendo o argumento de que o Brasil participou das influências do meio ainda que em menor grau que os demais países da região. Remonta ao século XVIII e fala da Inconfidência Mineira como exemplo de fermento republicano e de espírito de independência. Diz que o Brasil teria absorvido os reis quando o trono foi trasladado para cá, sendo a “revolução de sua independência” feita pelo príncipe pacificamente através da transição entre o antigo e o novo regime. Quando este não respondeu ao “espírito nacional”, os súditos o despediram. Assim, Mitre define o Império brasileiro:

“Fundóse entonces sobre la base de la soberanía del pueblo, un imperio democrático, sin privilegios y sin nobleza hereditaria, que no tenía de monárquico sino el nombre y que subsistió como un hecho consentido y un compromiso, pero no como un principio fundamental. Así, el imperio del Brasil no es en realidad sino una democracia con corona” (MITRE, 1887, p. 106).

Essa ideia de Império democrático, pacífico e sem privilégios aparece também em outras fontes, como o jornal *La Nación*, veículo pelo qual reverberava na Argentina seu olhar sobre o Brasil, e as cartas trocadas com o Visconde do Rio Branco. Em uma delas, datada de 1875, elogia a atuação do Visconde ao impedir “el mal y la verguenza de las revoluciones violentas” no Brasil. Diz que ele mesmo foi revolucionário na Argentina no sentido de “fundar cosas durables”, garantindo “la unidad nacional por primera vez” e criando meios “para que ellas [as revoluções] no tuviesen razon de ser”. Para ele, o que vale é a “revolucion pacifica que se opera por el trabajo lento de todos los días” (MITRE, 1875). No *La Nación*⁵, nas décadas de 1870 e 1880, período final do Império, o Brasil aparece com frequência, ganhando destaque em extensas reportagens de primeira página e em colunas como a “*Prensa Brasileira*”. Em diferentes momentos, o país é caracterizado pela unidade, pela homogeneidade, pelo liberalismo e pela democracia. Cabe destaque à admiração pelo Imperador e à ênfase nas leis relativas à escravidão, como a lei do Ventre Livre, em 1871, na qual o Visconde teve importante participação. Em edição de 7 de setembro de 1888, na qual comemora a independência brasileira, o jornal menciona justamente o trecho do *Historia de San Martín* anteriormente citado. O país seria “una democracia coronada” (LA NACIÓN, 1888). A monarquia constitucional brasileira teria sido bem sucedida e construída sobre bases pacíficas e democráticas. Na verdade, de monarquia o regime teria apenas o nome. Para complementar nosso argumento, citamos Pedro Calmon, na mesma ocasião em que falaram Levene, Macedo Soares e Enrique de Gandía, em 1957, nas homenagens aos 50 anos da morte de Mitre. Quando o Imperador foi destituído do trono em 1889, Mitre teria dito que “fuera derrocada una democracia coronada” (CALMON, 1957, p. 66). Palavras que ele também teria dirigido pessoalmente

⁵ Os artigos do *La Nación*, em sua maioria, não possuem assinatura. Portanto, não podemos afirmar a autoria de Mitre. Mas, fundado por ele, o jornal expressa suas ideias e reivindicações em um contexto no qual a imprensa se torna, cada vez mais, palco das disputas políticas.

ao Imperador em 1872: “Sois, Señor, una democracia coronada” (MITRE Apud CALMON, 1957, p. 66).

Lembramos que a definição da monarquia como democrática e garantidora da unidade nacional foi elaborada e defendida pelos historiadores do IHGB ao longo de todo o século XIX no processo de escrita da história da nação que então surgia e se consolidava, como lembra Manoel Salgado Guimarães em um de seus mais conhecidos textos (1988). Isto levou, inclusive, ao investimento nas províncias em vista do alcance de unidade e da centralização política no Rio de Janeiro. A “tranquilidade inalterável”, a paz, a ordem e a liberdade descritas pelo *La Nación* podem ser consideradas um sintoma dos efeitos que esta construção teve na imagem do Brasil para o exterior. Afinal, segundo Salgado, “articulada ao projeto de construção da nação, a escrita da história nacional tem assim os seus destinatários, não apenas no plano interno, como também no externo” (GUIMARÃES, 1988, p. 13). Acreditamos que, neste caso, seja oportuno nos referirmos à leitura de história do Brasil desenvolvida no século XIX pelo IHGB e ao seu papel no processo de construção da nação. Mitre foi um dos seus membros – sócio honorário a partir de 1871⁶ –, tendo visitado o Instituto logo em seguida a sua nomeação. Era parceiro intelectual do Visconde do Rio Branco, mas também de vários dos seus membros. Em um diálogo constante com a instituição, na qual se inspirou, inclusive, para a fundação de diferentes instituições históricas pela América do Sul, como a própria Junta de História e Numismática Americana⁷, Mitre provavelmente reverberava na Argentina sua leitura de Brasil, da monarquia e dos Bragança. Assim, as palavras do *La Nación* provavelmente são o eco desta visão apropriada e divulgada por Mitre a partir do contato com o IHGB.

Acrescentamos que, na Argentina, Mitre buscou a construção de unidade e de um ideal nacional através da guerra, da política e da história. Fez parte de uma geração de historiadores influenciados pelo romantismo que, após a queda de Juan Manuel Rosas, em 1852, protagonizou a retomada dos estudos históricos em Buenos Aires. Estes homens conjugavam ação e pensamento com a finalidade de construção do país. Segundo José Luis Romero, eles precisavam, sem cair na oposição entre unitários e federais, resolver “el problema de la organización del país unificado, suscitado por la conducta de Buenos

⁶ Mitre passa a sócio efetivo do IHGB em 1889, logo após a proclamação da República.

⁷ A Junta data de 1893. Entre as outras instituições históricas aqui referidas estão o Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai, em 1843, e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio da Prata, em 1854.

Aires y por el odio que el interior manifestó contra ella” (ROMERO, 1943, p. 7). Em oposição a Buenos Aires, as províncias haviam se organizado em torno de Santa Fé. Como consequência, Romero diz que nos portenhos produziu-se “un despertar de la consciencia histórica manifestado en el afán por esclarecer el verdadero curso de los acontecimientos que conducía a esta realidad” (ROMERO, 1943, p. 7). Mitre, então, colocou questões urgentes a serem pensadas no exame do passado. A existência da nação e a organização dos seus elementos sociais eram algumas delas. Era preciso pensar a nação sem abandonar as tendências que a implicavam e ajustar as tradições à realidade. Era preciso ainda conceituar a própria origem do sentimento nacional e das ideias predominantes no país, processos que tinham origem no passado colonial. Deste modo, Romero lembra que na Assembleia Geral Constituinte do Estado de Buenos Aires, em 1854, Mitre assenta a tese de uma nação pré-existente, baseada na unidade indiscutível do país e na “existencia de una pátria común de los argentinos, que las pasiones incitan a olvidar, pero que él siente como una convicción profunda” (ROMERO, 1943, p. 11). Nação esta que deveria estar sustentada em princípios democráticos e liberais.

O contexto entre os anos 1850 e 1880 é marcado pelo que Tulio Donghi denomina “treinta años de discordias” (2005, p. 75), quando duas forças políticas principais rivalizaram: os liberais e os federais. Nesta conjuntura, Mitre arquitetou o chamado “consenso liberal”, como afirma Hilda Sabato (2009, p. 14), em busca da ruptura com o passado rosista. Foi fundado ainda o *Partido de La Libertad*, sob sua liderança, que tinha como objetivo tornar a província de Buenos Aires a representação da unidade e do que consideravam como causas legítimas: a civilização e o progresso. Havia um “horizonte de unión nacional, en el cual los liberales porteños se reservaban el liderazgo” (SÁBATO, 2009, p. 15). Este projeto tinha na imprensa um instrumento chave de ação política, criando e moldando identidades coletivas. Para Sabato, Mitre foi a figura mais emblemática deste processo – não por acaso fundou o *La Nación*. No confronto com os federais, ao longo da década de 1860, os liberais avançaram por quase todo o território argentino, construindo uma trama que rendeu apoio a Mitre quando da entrada na guerra. Lembrando que, com o desgaste no conflito, este apoio foi perdido e tiveram seu poder abalado pelo surgimento de novas forças políticas provinciais.

Para Donghi, em 1862, Mitre se tornou o primeiro presidente da nação unificada, enfrentando uma discussão mais específica sobre o tema numa sociedade que temia a divisão política. Destacamos, neste sentido, que ele assume a presidência após disputas sangrentas, entre as quais a batalha de Pavón (1861) – responsável pela unificação do país –, e acordos com os opositores. Além disso, no que se refere ao seu papel como historiador, Mitre atuou diretamente na construção de uma história da Argentina que era pela primeira vez a história de uma nação, elevando-a “a protagonista única del processo histórico” (DONGHI, 1996, p. 57). As disputas políticas nas quais se envolvia são, assim, fundamentais na compreensão do pensamento mitrista, já que ele entendia política e história de forma conjunta. Para José Luis Romero, Mitre amalgamava o historiador e o político como duas faces de uma moeda e “cada etapa de su acción pública corresponderá a una etapa de su meditación histórica” (ROMERO, 1943, p. 4). Escreveu muitos dos seus trabalhos durante longos anos e em campo de batalha. José Freitas Neto (2011) afirma que a *História de Belgrano y de la independencia argentina*⁸, por exemplo, foi iniciada em batalha e apenas concluída quando já era presidente. Daí a necessidade deste panorama para se entender quem era este ator político que, na Argentina, defendia a construção de relações pacíficas e recíprocas com o Brasil e que, décadas depois, inspirou historiadores ligados a projetos integracionistas.

José Alves Freitas Neto (2011) analisa o lugar de monumento historiográfico ocupado pelo trabalho de Mitre na Argentina. Seus temas e aspectos teórico-metodológicos lhe conferem papel central e o diferenciam da tradição ensaística ou literária representada pela geração de 1837. Mitre buscava uma história total com temporalidades amplas desenvolvida a partir da biografia de grandes personagens. Segundo Fernando Devoto e Nora Pagano, a relação entre biografia e história visava “resaltar virtudes para reforzar la conciencia pública” (DEVOTO; PAGANO, 2009, p. 26). Para isto, utilizava-se de uma abordagem rigorosa das fontes documentais na busca da verdade e de comprovação histórica para seus argumentos que descreviam a história da nação⁹. Nas biografias escritas por ele, os grandes temas, como vimos, são a independência argentina e a emancipação sul-americana. Cruza-os com as trajetórias

⁸ A primeira edição da obra data de 1857, mas sofreu alterações posteriores pelo próprio autor.

⁹ Neste ponto rivalizava com Vicente Fidel López que defendia uma história baseada em paixão, sentimento e subjetividade. Nos anos 1880, Mitre manteve com López uma conhecida polêmica historiográfica.

daqueles que considera grandes personagens em um exercício no qual justifica a si mesmo e constrói um modelo de ação e pensamento que forneça exemplos para a posteridade. Este discurso de si também exerce “a função de dizer que o país conflagrado era capaz de manifestar um consenso liberal após a [sua] presidência (...)” (FREITAS NETO, 2009, p. 395). Consenso este que seria, numa linha evolutiva, a vitória sobre a barbárie. Assim, como diz José Freitas Neto (2011), a tradição liberal argentina, ligada aos grupos unitários, fez uma leitura de Mitre na qual a violência da sua presidência e a repressão às províncias é pouco questionada em nome da “necessidade histórica” de construção da nação. Com isto, em diferentes momentos, os crimes praticados pelo Estado acabaram sendo justificados.

Leitura fruto de “uma cultura historiográfica (...) que se relaciona diretamente com as visões do historiador-militar-presidente. Há, na leitura do século XIX, e na avaliação que Mitre realizou dos passados mais longínquos, a ênfase numa memória predominantemente liberal e o ocultamento de outras possibilidades dentro da tradição argentina” (FREITAS NETO, 2011, p. 86). O próprio Mitre em seus textos procurou justificar os erros dos liberais unitários partindo da ideia de construção de uma nação em percurso na qual “as incertezas do presente eram encobertas pela garantia de êxito futuro (...)” (FREITAS NETO, 2011, p. 88). Segundo José Luis Romero, a nação para Mitre estaria assentada em princípios liberais e democráticos. A história seria, neste sentido, fundamental e nela Mitre possuía fé absoluta por sua capacidade de elucidação da verdade e do caminho para o futuro. Para o autor, “Mitre parte más bien de la situación presente, considerada como desembocadura del proceso histórico e como conjunto de problemas cuyas raíces hay que escrutar en el pasado” (ROMERO, 1943, p. 17). Dois seriam os problemas centrais para ele: a conceituação do processo criador da ideia de nação e as ideologias. Ambos, segundo Romero, decisivos nos tempos de Mitre, sendo, então, o eixo do seu trabalho como historiador.

Característica importante da sua escrita da história é o americanismo. A história nacional era pensada por ele como entrelaçada à história americana, pois um aspecto uniria a América: a busca e a defesa da liberdade. Assim, o tema da independência ultrapassaria fronteiras e deveria ser pensado na relação com os demais países americanos. Exemplo disto seria o *Historia de San Martín y de la emancipación sud-*

americana. Na obra, “o autor expõe que a história não é um processo isolado: ela possui vínculos com os acontecimentos em outros países” (FREITAS NETO, 2011, p. 89). Conjugadas, as independências seriam o fenômeno mais notável do século XIX e teriam originado sociedades democráticas. Esta democracia seria uma das principais características da sua concepção de americanismo. Para ele, na análise feita por José Freitas Neto, a história exerceria um papel magistral neste processo de aproximação entre os povos. Em nossa opinião, sua escrita da história de caráter pragmático, positivista e preocupado com o presente, trazia as marcas de uma noção estratégica de que era melhor compor do que rivalizar. Falam aqui o historiador, o militar e o político.

Seu americanismo ainda resultou no investimento em diferentes instituições históricas pela América do Sul, conforme dissemos anteriormente, sobretudo a partir da parceria com o político, diplomata e historiador uruguaio André Lamas iniciada ainda nos anos 1840. Lamas, aliás, nutria simpatia pelo Brasil e atração pela Corte no Rio de Janeiro, onde residiu por um tempo entre os anos 1850 e 1860. Com ele, Mitre fundou os Institutos Históricos do Uruguai (1843) e do Rio da Prata (1854). Segundo Eduardo Míguez (2018), Lamas foi a influência mais direta da juventude de Mitre, fazendo parte intensamente de sua formação política e intelectual no Uruguai nos anos 1840. Filho de um político de peso no círculo que fundou o Partido Colorado, ele se vinculou aos emigrados de Buenos Aires, de modo que frequentavam sua casa figuras como Juan Bautista Alberdi. Mitre, que nasceu em Buenos Aires, mas mudou-se na infância com a família para Montevideú, fez parte deste círculo. Mais ainda, Míguez destaca as origens uruguaias de Mitre. Seu pai era uruguaio e sua mãe portenha. Como é de se esperar numa sociedade patriarcal e, diante de sua mudança para a terra paterna, as influências montevidéanas em seu pensamento são muitas. O autor chega a tratá-lo como “joven motevideano” (MÍGUEZ, 2018, p. 78) e a apresentar sua identidade argentina como uma escolha cujas motivações não são muito claras. Neste sentido, um aspecto fundamental a ser lembrado é a fluidez das nações no início do século XIX. Afinal, elas ainda não se encontravam definidas e a nacionalidade, muitas vezes, era uma escolha fruto das experiências políticas e sociais. Como informa Míguez, “la Argentina y Uruguay no existieron como naciones totalmente diferenciadas ni siquiera después de la

independencia de la segunda en 1828” (MÍGUEZ, 2018, p. 23). O autor ainda complementa:

“La definición de los espacios nacionales sólo terminaría de tomar cuerpo ya avanzada la segunda mitad del siglo XIX, y Mitre jugaría un papel importante en esta, tanto por su acción política como por su obra de historiador que tendió a naturalizar la identidad nacional y dotarla de una profundidad temporal que se extiende a un pasado remoto” (MÍGUEZ, 2018, p. 23).

Assim, vê-lo como uruguaio seria anacrônico, sendo fundamental enfatizar que ele “optaría por la identidad de su ciudad natal y no por la de su tradición familiar más significativa” (MÍGUEZ, 2018, p. 25). De todo modo, a experiência da infância e da juventude em Montevideu é formadora de suas ideias. A cidade era um “emporio intelectual” (MÍGUEZ, 2018, p. 37) no qual convergiram inúmeros intelectuais entre o final dos anos 1830 e o início dos anos 1840, entre eles Sarmiento, que se tornaria rival de Mitre. Era, portanto, um ambiente de intercâmbio com grande influência em sua trajetória posterior. Lá manteve ainda intenso contato com portenhos exilados, mas, segundo Míguez, sua interação com a cidade era tanta que não era visto como tal pelos orientais. Assim, conseguiu alcançar participação política e ocupou lugares reservados aos nativos. Neste período, também se aproxima das ideias de Mazzini e Tocqueville e o interesse pela história se torna predominante.

Acreditamos, portanto, que o período vivido em Montevideu entre o final dos anos 1820 e meados dos anos 1840 tenha sido fundamental não apenas em sua formação intelectual, mas, mais especificamente, em seu pensamento americanista e em seu olhar sobre o Rio da Prata que marcam sua obra. Para Míguez, se as ideias americanistas foram muitas vezes esquecidas no exercício do poder, estiveram muito presentes em seu trabalho intelectual. Daí que as independências da América do Sul sejam pensadas em conjunto. Neste sentido, Mitre entendia a “construcción de una identidad nacional como extensión de la continental” (MÍGUEZ, 2018, p. 65). Questão fundamental em seu tempo. Com isto, compreender sua relação com Lamas e Montevideu se torna necessário para o entendimento do seu olhar histórico sobre o continente. Por conseguinte, se torna importante em um trabalho que pretende analisar os porquês de sua apropriação no início do século XX. Segundo Míguez, a *Historia de Belgrano* e a *Historia de San Martín* serviram como base de uma nacionalidade pensada no início do século XX. Suas ideias

foram apropriadas pelo Estado, por historiadores ligados a ele, por instituições históricas e diplomáticas. No caso específico que analisamos, foram apropriadas por aqueles que pensaram as relações entre Brasil e Argentina na defesa da integração regional por uma via oficial. Daí a necessidade de se voltar a Mitre e ao século XIX para a análise deste processo de apropriação cultural e de ideias. Este panorama das ideias e da circulação de Mitre pelo Rio da Prata é esclarecedor em diferentes sentidos.

Pensando no que diz Carlo Ginzburg, os processos de produção do conhecimento são sempre dialógicos e sofrem diferentes influências. Ao apresentar a formação da etnografia em um contexto imperialista, no final do século XIX, e o olhar de estranhamento sobre o Outro, que põe em xeque a própria identidade, Ginzburg mapeia, a partir de indícios (GINZBURG, 1989), método que lhe é caro, as influências do literato britânico Robert Stevenson no antropólogo polonês Bronislaw Malinowsky. No ensaio “Tusitala e seu leitor polonês” (GINZBURG, 2004), ele aponta as formas como, mesmo que indiretamente e apesar das distâncias, as ideias e experiências do primeiro chegaram até o segundo. O contato com a cultura polinésia nas ilhas Samoa de Stevenson inspirou e amenizou os conflitos de Malinowsky em seu contato com o Outro, o exótico, nas ilhas Trobriand. Esta influência teria sido marcante no início da etnografia, principalmente quanto à relação entre o material e o simbólico. Deste modo, em suas palavras, “o arquipélago de Stevenson e o de Malinowsky estão ali para nos lembrar que nenhum homem é uma ilha, nenhuma ilha é uma ilha” (GINZBURG, 2004, p. 113). Em um denso exercício interpretativo, o autor acompanha os caminhos percorridos por estes intelectuais na produção de conhecimento, costurando leituras, viagens e contatos pessoais que os fariam pensar de tal modo. De certa forma, é este procedimento que procuramos adotar na análise das ideias de Bartolomé Mitre, bem como em suas apropriações na primeira metade do século XX. Afinal, neste período serviu a interesses oficiais, às reflexões sobre a nacionalidade e à integração da região e aos diálogos entre historiadores brasileiros e argentinos que visavam à ruptura com as rivalidades do século XIX cujos ecos ainda se faziam presentes nas relações entre os países.

Fontes citadas:

Atas do Congresso Internacional de História da América (1937). Tomo I. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 1938.

Carta de Mitre ao Visconde do Rio Branco, 12 de fevereiro de 1875. In: *Cadernos do CHDD*. Brasília: FUNAG, 2005, p. 159-194.

La Nación, 07 de setembro de 1888.

MITRE, Bartolomé. *Historia de San Martín y de la Emancipación Sudamericana*. Buenos Aires: Imprenta de “La Nación”, 1887.

SOARES, José Carlos de Macedo. “Bartolomé Mitre en el Instituto Histórico y Geográfico Brasileño y la Academia Brasileña de Letras”; CALMON, Pedro. “Mitre y el Brasil”; LEVENE, Ricardo. “Mitre en la historia de las ideas argentinas”; GANDÍA, Enrique de. “Mitre y la unidad de la historia de América”. In: *Mitre. Homenaje de la Academia Nacional de la Historia en el cincuentenario de su muerte (1906-1956)*. Buenos Aires: ANH, 1957, p. 57-61; p. 63-67; p. 239-253; p. 291-298.

Referências Bibliográficas:

CHARTIER, Roger. (org). *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. SP: UNESP, 2004.

DARNTON, Robert. “A leitura rousseauista e um leitor ‘comum’ no século XVIII”. In: CHARTIER, Roger. (org). *Práticas de Leitura*. SP: Estação Liberdade, 1996, p. 143-175.

DEVOTO, Fernando; PAGANO, Nora. *Historia de la historiografía argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

DONGHI, Tulio Halperin. “Mitre y la formulación de una historia nacional para la Argentina”. *Anuario del IEHS*, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 11, Tandil, 1996, p. 57-69.

_____. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.

FREITAS NETO, José Alves. “Mitre e a edificação de um patrimônio historiográfico argentino”. In: *Revista História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 7, nov/dez 2011, p. 74-89.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, Emblemas, Sinais – Morfologia e História*. SP: Cia das Letras, 1989, p. 143-179.

_____. “Tusitala e seu leitor polonês”. In: *Nenhuma Ilha é uma Ilha – Quatro visões da literatura inglesa*. SP: Cia das Letras, 2004, p. 91-113.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. RJ: Museu da República, 2007.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a proposta de uma história nacional”. *Revista Estudos Históricas*, RJ, v. 1, n. 1, 1988, p. 5-27.

MÍGUEZ, Eduardo. *Bartolomé Mitre: Entre la nación y la historia*. Buenos Aires: Edhasa, 2018.

PRADO, Maria Lígia Coelho. “O Brasil e a distante América do Sul”. *Revista de História*, 145, p. 127-149, 2001.

ROMERO, José Luis. *Mitre. Un historiador frente al destino nacional*. s/l: s/n, 1943.

SÁBATO, Hilda. Prólogo – “Disputas políticas por la construcción de la república (1850-1880)”. In: TITTO, Ricardo de. (Comp.) *El pensamiento de Bartolomé Mitre y los liberales*. Buenos Aires: El Ateneo, 2009, p. 9-26.